

*O presidente Fernando Henrique Cardoso tem razão? Brasília está, de fato, se degradando como cidade?***A cidade precisa de reformas**

Adalberto Cleber Valadão

Brasília, mais que um espaço físico de concreto e asfalto, sempre representam para o País um marco de expectativas de desenvolvimento e bem-estar em sua trajetória histórica. Estrategicamente plantada no centro geográfico do País, a cidade, desde o seu nascimento, já constituía o epicentro das migrações regionais, especialmente da região nordestina e dos estados limítrofes, atraídos pela perspectiva de um eldorado promissor.

A consequência foi inevitável: a formação súbita de uma enorme massa humana socialmente dependente, carente de serviços públicos e de oportunidades de emprego. A resposta do Poder Público em atender as demandas sociais criadas está, no entanto, cada vez mais distante do equilíbrio necessário.

Há solução? Apenas uma: a auto-sustentação econômica da região a partir da vontade política de enfrentar com determinação essa crua realidade social.

Essa é a linha conceitual. Na prática significa que há de se buscar com urgência e definitivamente os caminhos da industrialização, através da formulação de uma política industrial consistente, com a participação de toda a Sociedade, dentro de um processo ordenado e seletivo que priorize a geração de empregos, contemple as potencialidades regionais e preserve as características culturais da cidade.

A continuar a apatia do Poder Público e a insuficiente aplicação de recursos na estrutura urbana da cidade, é inevitável a degradação não só física, como social. Brasília tem uma característica ímpar: foi construída praticamente de uma só vez e já antes dos 40 anos de idade tornou-se uma cidade que precisa de uma grande reforma em seus prédios, viadutos, pontes e vias públicas. Portanto, além das necessidades de investimentos para atender as grandes demandas de crescimento não se pode mais pro-

telar as ações para a recuperação dos espaços já construídos.

Outro aspecto a ser considerado é que a problemática urbana e social do Distrito Federal extrapola as suas fronteiras geográficas constituindo mais um exemplo de conglomerado metropolitano, com suas injunções inter-regionais. Isso significa que, mesmo se houvessem investimentos na estrutura de serviços públicos da cidade, os problemas ainda não seriam sanados porque não seria reprimido o fluxo migratório da região do Entorno; devem ser tratados, portanto, de forma globalizada, sem o

que continuará a pressão migratória sobre Brasília e com ela as consequências de degradação social: miséria, desemprego, criminalidade.

A grande massa de carentes sociais constitui um forte apelo às ações populistas, criando um ciclo de dependência perverso de manter a pobreza como forma de sustentação do poder

político. Exemplo vivo desse modelo foi a recente celeuma da Cidade Estrutural. Reivindicações das populações carentes por condições mínimas de habitação e sobrevivência, são justas e humanas. Não é admissível porém que constituam um mero motivo do jogo político, com prejuízos para a cidade e a sociedade como um todo.

No entanto, em qualquer fase do processo de soerguimento das condições de melhoramento urbano e social de nossa cidade e região, a construção civil aparece como instrumento de inquestionável eficácia à disposição dos governos e da sociedade.

Brasília está se degradando, sim. Urge sair da estagnação, reagir, investir e produzir. O caminho é a industrialização e o fomento à atividade produtiva, um especial da construção civil.

■ **Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do DF**

A marca do cinismo inzoneiro

Lourenço Cazarre

Durante um bom tempo após a fundação de Brasília, os burocratas locais não tiveram motivos para se preocupar com o crescimento da cidade. As levadas de migrantes que chegavam, tangidas de todos os cantos do país, desembarcavam num ritmo que permitia sua assimilação sem problemas.

Esse equilíbrio, no entanto, foi rompido nos anos 70, quando os forasteiros passaram a chegar numa velocidade superior a da capacidade local de gerar empregos. Paralelamente à falta de empregos, não havia terrenos onde pudessem se instalar.

Estamos então no ocaso do "milagre econômico".

O país começa a afundar sob o peso de uma impagável dívida externa. O autoritarismo encontra-se firmemente enraizado em todas as esferas de poder. Os impávidos administradores de Brasília adotam a técnica do avestruz diante do espetáculo dos migrantes que desembarcam aos magotes na estação rodoviária.

Mas as cidades são organismos vivos que não costumam atender aos sonhos dos planejadores, mesmo que sejam burocratas inflexíveis como os da daquela época. A população se vira. No jeitinho, vai levando. E vai construindo a verdadeira cidade, aquela que nunca pode ser traçada numa prancheta.

Quando resolveu dar terra aos moradores de "invasões" e de barracos de fundo de quintal, Joaquim Roriz tentou unir o útil ao agradável. Queria, ao mesmo tempo em que solucionava o velho problema fundiário local, constituir um encorpado curral eleitoral. Curral que, por sinal, já lhe falhou já primeira eleição que enfrentou, como patrono de uma candidatura.

A classe média levantou-se indignada contra Roriz. Afinal, ela que havia comprado, por preços estratosféricos, seus apartamentos no Plano Piloto estava achando aquilo muito suspeito. Que direito, diziam, tinham aqueles pés rapados de possuírem, gratuitamente, um terreno, de onde,

tomando um ônibus, podiam vir à cidade achacá-los nos semáforos e nas portas de supermercados?

A Brasília degradada de que se fala é hoje bem mais real do que a Brasília que encontrei em 1977. Como seria possível manter aquela cidade de vistosos edifícios públicos e asfalto impecável num país onde talvez metade da população vive na miséria?

Devagar, mansamente, os miseráveis de todos esses sertões que cercam Brasília foram se chegando. Vêm do Norte, do Nordeste mas também de estados mais ricos. Correm para Brasília porque aqui o sistema de ensino e de saúde são excelentes, quando comparados com o caos que reina em todos os outros estados. Chegam em busca de um futuro mais digno para seus filhos.

Essas pessoas, é claro, são pobres na sua esmagadora maioria. Mas não são tolas. Sabem que tudo começa a mudar num local onde o ensino atinge quase todas as crianças em idade escolar. E onde os hospitais públicos, embora um tanto caótico, são palpáveis, existem.

Essa é a Brasília que desagrada aos narizes sensíveis da elite média, mesmo que alta e mais educada. A Brasília dos aleijões junto aos semáforos. Dos casebres de papelão. Dos bandos de meninos de rua que erram e roubam pelas entrequadradas comerciais amedrontando os adultos e mesmos os policiais armados.

A Brasília degradada é a Brasília-carioca, talvez uma antevisão do futuro. Um futuro de pesadelo. A Brasília degradada é um pequeno retrato desse país mais do que injusto que estamos construindo há 500 anos com nossa cordial desfaçatez, nosso cinismo inzoneiro, nossa calorosa indiferença, nossa incompetência tropical, nossa mascarada intolerância.

Brasília sem mazelas sociais é como o delírio de um tolo que, em meio a uma tempestade em alto mar, está abosolutamente certo de que poderá se safar. Sozinho. **Jornalista e escritor**

O que os olhos não enxergam

Paulo Bicca

Uma sociedade não pode existir sem problema de habitação quando a grande massa dos operários dispõe apenas de salários miseráveis, quando as mudanças tecnológicas privam constantemente de seu trabalho um número cada vez maior de pessoas; quando crises econômicas determinam, por um lado, a existência de um forte exército de reserva de inativos, e, por outro, lança temporariamente no desemprego uma grande quantidade de trabalhadores; quando estes se concentram nas grandes cidades em um ritmo mais rápido do que o da construção de habitações; nas circunstâncias

atuais e nas quais se encontram inquilinos até para os buracos mais imundos; e quando o proprietário de um imóvel habitacional cobra por ele o aluguel mais elevado que puder. Em uma tal sociedade o problema da habitação não é nenhuma casualidade, mas sim uma instituição necessária; e não pode ser eliminada a não ser que a ordem social da qual deriva seja completamente transformada.

Estas afirmações, feitas por Friedrich Engels há mais de um século, continuam totalmente adequadas as nossas atuais circunstâncias. E os reflexos destas sobre as cidades são por demais evidentes, para não serem percebidos. A cada dia, nos mais variados lugares do Brasil, novas favelas ou invasões se estão constituindo, não apenas nos grandes, médios e até pequenos centros urbanos, mas também no campo, a exemplo dos acampamentos dos chamados sem-terra.

É a realidade da qual Brasília não está excluída, e não conseguiremos ter aqui a "cidade ideal" intra-muros, como uma ilha, a imagem e semelhança das tantas utopias imaginadas ao longo dos séculos. O mito da criação do espaço sagrado, fechado sobre si mesmo, ordenado, disciplinado, harmônico, em oposição ao espaço profano, exterior, caótico, anárquico, contraditório, foi apenas um mito, tendo a realidade inevita-

velmente prevalecido sobre ele. Daí a presença das contradições, da miséria, da violência, como parte da urbs e que ameaça a civitas.

Não se pode querer resolver em Brasília os problemas do Brasil. Nenhum governo isoladamente será capaz de tanto, pois a cada demanda atendida surge uma nova, e por vezes maior. Forma-se assim um ciclo vicioso, cada vez mais estreito, e que se não for rompido, certamente acabará por sufocar a todos. E a solução para este aparente paradoxo não está, como alguns preconizam, no retorno às cidades amuralhadas, na qual se impede o ingresso dos estrangeiros.

Aliás, tal atitude significaria um retrocesso do ponto de vista urbanístico e do ideário de Brasília, se concordarmos com os jurados que escolheram a proposta do professor Lúcio Costa, quando destacaram então que o plano tem o espírito do século XX: é novo, é livre e aberto; é disciplinado sem ser rígido.

Não se trata de aceitar a realidade

como ela é. Não se pode ficar passivo diante da forma como o Distrito Federal vem sendo ocupado, seja pelas invasões dos grileiros e ricos, com as quais todos os governos passados foram coniventes, sejam pelas invasões dos pobres e deserdados, vistos sempre como currais eleitorais por políticos inescrupulosos.

Em relação aos miseráveis, não é admissível que se adote, de forma institucional, a política da segregação, a exemplo do que houve na África do Sul. Esconder a miséria, não é terminar com ela. Aliás, já que infelizmente ela existe, é inevitável que muitas vezes ela esteja aparente, importunando o gosto estético e criando um mal estar à consciência dos políticos e daqueles que, se desejassem, poderiam agir no sentido de eliminá-la. E é preciso que se aceite que há algo de positivo nisso, pois como dizem os velhos adágios populares, o que não é visto não é lembrado e o que os olhos não vêem o coração não sente.

Secretário-adjunto de Obras do DF

A capital está se degradando, sim. Urge sair da estagnação e reagir

A Brasília carioca constitui uma antevisão do futuro de pesadelos

Não se pode resolver daqui os problemas do Brasil